



# **IV Seminário de Comunicação e Territorialidade**

## **“Comunicação contra as desigualdades”**

**PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras**  
**17-18 de Outubro de 2018**

### **A COBERTURA DA IMPRENSA CAPIXABA DA EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA NO ES EM 2017**

**Marcio Martins CALIL<sup>1</sup>**  
**Victor GENTILLI<sup>2</sup>**

#### **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto de estudo em construção que visa a analisar as dinâmicas da cobertura jornalística dos jornais A Gazeta e A Tribuna durante a epidemia de febre amarela no Espírito Santo, entre os meses de janeiro e março de 2017. Para isso, se propõe a investigar as práticas discursivas jornalísticas e a produção de sentidos das matérias publicadas neste período, com base na análise do enquadramento, do conflito e tensões entre os discursos midiáticos e dos especialistas da área da saúde e da midiatização do risco de doenças epidêmicas.

A proposta justifica-se na medida em que propõe uma análise sobre as estratégias discursivas adotadas pela imprensa capixaba para descrever e situar a epidemia de casos de febre amarela no Estado naquele período, dentro de uma perspectiva de que a comunicação faz parte do processo de determinação social da saúde.

#### **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O procedimento metodológico previsto é o da pesquisa exploratória documental dos dois veículos impressos de maior circulação do Espírito Santo (A Tribuna e A Gazeta), com o recorte temporal que abrange o período entre o dia 1º de janeiro e dia 31 de março de 2017, e posterior análise das notícias coletadas por

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES. E-mail: marciomcalil@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor/Orientador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES.. E-mail: vgentilli@gmail.com.





intermédio da análise de conteúdo (quanti-quali) ou pela análise de discurso. A coleta e interpretação dos dados dar-se-ão lançando-se mão de parcerias com grupos de pesquisa do Observatório de Saúde na Mídia-Regional ES e Observatório da Mídia, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo, dos quais o autor desta pesquisa é integrante.

Precedendo a pesquisa empírica, desde março de 2018 está em curso um cuidadoso processo de pesquisa bibliográfica sobre o estado da arte de bases teóricas que fundamentarão a dissertação – história de coberturas jornalísticas de doenças epidêmicas, amplificação midiático do risco, Comunicação e Saúde – e que fazem parte deste artigo, algumas apresentadas a seguir.

### **Cobertura jornalística de epidemias**

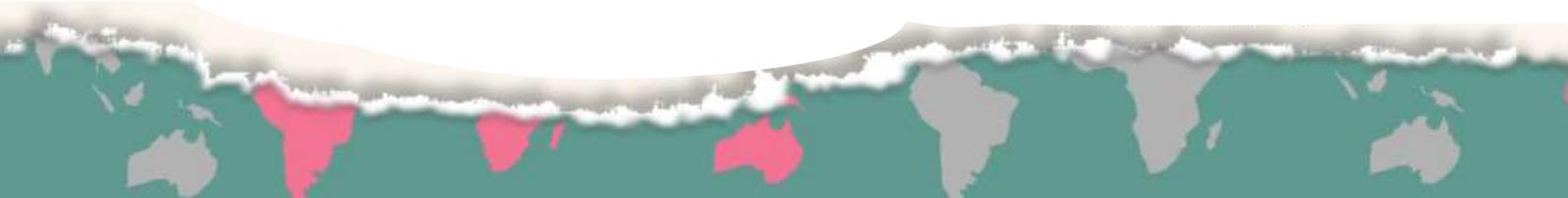
O papel histórico da imprensa na cobertura jornalística de epidemias, pandemias e surtos e a produção de sentidos desencadeada pelo noticiário são importantes objetos de estudos, especialmente nas ciências sociais e humanas.

Nos séculos XIX e XX, a cobertura de jornais portugueses das epidemias do cólera (de 1854 a 1856), e da peste bubônica (em 1899); além da pandemia do vírus da influenza- Gripe Espanhola (1918), na cidade do Porto, foi objeto de estudo de Almeida (2013).

Já a cobertura jornalística de três pandemias históricas de gripe pelo New York Times (NYT) – Gripe Espanhola (1918); Gripe Asiática (1957); e Gripe de Hong Kong (1968) – foi investigada por Blakely (2003), sob o enfoque das construções sociais da doença produzidas pelas narrativas e como estas construções mudaram ao longo do tempo, em cada cobertura, com reflexos nas políticas públicas de saúde estadunidenses.

### **Cobertura midiática da febre amarela no Brasil**

Malinverni (2012) analisa os sentidos atribuídos discursivamente à febre amarela silvestre durante a cobertura jornalística da doença, ocorrida no Brasil, no verão 2007-2008. Utilizando o referencial teórico das práticas discursivas e da produção de sentidos no cotidiano e as hipóteses de agendamento (*agenda-setting*) e enquadramento (*framing*) da notícia, a pesquisadora investigou todas as matérias sobre febre amarela veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no período de 21 de dezembro de 2007 a 29 de fevereiro de 2008.





## **Cobertura midiática da febre amarela no Espírito Santo 2017**

No Espírito Santo, o aproveitamento e abordagem jornalística que os dois principais jornais impressos diários capixabas – A Tribuna e A Gazeta – deram aos *releases* fornecidos pela assessoria de comunicação da Secretaria de Estado da Saúde (SESA) sobre a epidemia de febre amarela nos três primeiros meses de 2017, foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Renata Fernandes Rocha Marcelino (2018).

### **Amplificação midiática do risco**

Kasperson et al (1988) diz que a amplificação social do risco ocorre em dois estágios: na transmissão da informação sobre o risco, e nos mecanismos de resposta da sociedade (o contexto cultural em que a informação é interpretada pelo receptor). De acordo com o autor, alertas e sinais sobre riscos são amplificados por fontes como cientistas, veículos de comunicação, organizações sociais, relações interpessoais, dentre outras.

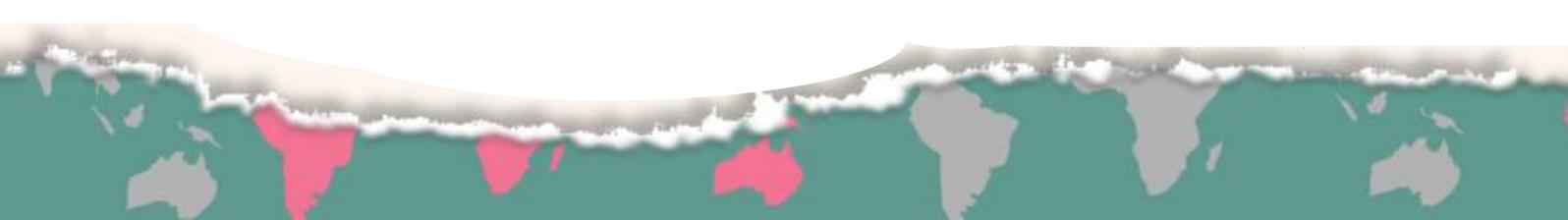
Vijaykumar et al (2015) fala de um novo modelo conceitual de amplificação do risco - The Risk Amplification through Media Spread (RAMS) - por intermédio da integração e convergência digital midiática, e o potencial das mídias sociais contemporâneas, aplicativos móveis e redes modais influenciarem a amplificação, a atenuação ou a manutenção da percepção de risco.

A opção pela ordem e controle dos riscos tem origem na história da humanidade pelo temor do contágio entre corpos e contaminação pelas condições ambientais. Logo, segundo Czeresnia (2013), “a noção de risco é central para a tomada de decisão e influencia na liberdade de escolha, modulando comportamentos e criando ou desenvolvendo hábitos” (CZERESNIA, 2013, p. 81).

### **Comunicação e Saúde**

Nos processos de produção de sentidos e de dimensões discursivas sobre a saúde e doença, a mídia se coloca como ator importante na construção do imaginário e das representações sociais da sociedade contemporânea.

Araujo; Cardoso (2007) chamam a atenção para a relevância da comunicação e sua indissociável relação com a produção dos sentidos da saúde e com os processos de democratização disseminados atualmente não só na área das ciências sociais em saúde, mas também por outros setores, enfatizando a intersectorialidade do campo. As pesquisadoras ressaltam a importância dos estudos do campo na luta





pelo direito à comunicação, no seu sentido mais amplo, como inseparável do direito à saúde, mas também como luta contra o sistema que reproduz a desigualdade social, que passa pela “desigualdade de acesso à informação, do direito à expressão e à participação política”. (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 130).

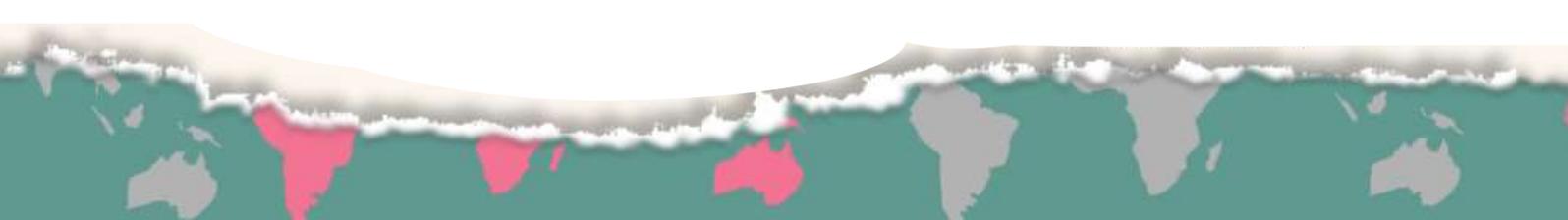
### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Somando-se a leitura do material de pesquisa bibliográfica já coletado e as participações e apresentação de artigos em Congressos de Comunicação - como o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação–Intercom 2018 e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo–SBPJor 2018 - além das disciplinas do primeiro ano de mestrado do programa de Comunicação e Territorialidades, Saúde Coletiva, da UFES, e do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz), já é possível refletir sobre algumas questões que auxiliam para a definição do problema de pesquisa e posterior interpretação dos resultados da pesquisa empírica do objeto de estudo.

Uma questão apontada por pesquisadores mais experientes para a proposição da dissertação diz respeito aos cuidados quanto à pré-concepção de uma linearidade da mensagem transmitida pelas notícias da mídia - a clássica teoria hipodérmica da comunicação - influenciando a análise dos dados. Ou seja, ter em mente que o processo de difusão da informação continua sendo afetado por aspectos psicológicos, sociais, culturais e institucionais, na decodificação pelo receptor, incluindo os processos de compartilhamento nas novas mídias.

### **4 CONCLUSÕES**

As etapas iniciais de construção deste estudo e os primeiros resultados da pesquisa bibliográfica já efetuada apontam para a importância e relevância do objeto de estudo escolhido, especialmente no que tange à discussão crítica do fazer cotidiano da produção jornalística como parte do processo de determinação social da saúde. Os efeitos expressivos das práticas discursivas na cobertura de doenças epidêmicas, no caso da epidemia de febre amarela no Espírito Santo em 2017, que serão analisados posteriormente, trazem para o debate relações de poder existentes





na sociedade, aspectos constituintes da sua territorialidade, e para a premissa de que os direitos à informação e à comunicação são indissociáveis do direito à saúde.

**5 PALAVRAS-CHAVE:** Febre amarela. Jornalismo. Risco. Comunicação e Saúde.

## **6 REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. A. F. P.. Epidemics in the news: Health and hygiene in the press in periods of crisis. **Public Understanding of Science**, 22(7) 886–902, 2013.

ARAUJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.

BLAKELY, D. E. Social construction of three influenza pandemics in The New York Times. **J&MC Quarterly**, vol. 80, No. 4, 884-902, 2003.

CZERESNIA, D. et al. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

KASPERSON, R.E. et al. The social amplification of risk: a conceptual framework. **Risk Analysis**, Vol. 8, No. 2, p. 177-187, 1988.

MALINVERNI, C. Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007-2008. **Physis**, Rio de Janeiro, vol. 22, p. 853-872, 2012.

MARCELINO, R. F. R. **Febre Amarela: a comunicação pública na mídia impressa no Espírito Santo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo.

VIJAYKUMAR, S. et al. Social media and the virality of risk: The Risk Amplification through Media Spread (RAMS) Model. **Homeland Security & Emergency Management**, 12(3), p. 653–677, 2015.

